

ella est plus ou moins marquée selon les individus. 5 sujets en sont légèrement atteints, deux autres ont des lésions plus accentuées; sur les maxillaires de 4 autres une affection paradontale très importante a été relevée.

### 3 - CONCLUSION

L'examen de la denture des Chalcolithiques du Vexin a permis de constater que les dimensions coronaires Mésio-distales et Vestibulo-linguales des dents ne diffèrent pas de celles des Mésolithiques (Français ou Portugais) et des hommes actuels.

#### BIBLIOGRAPHIE

Billy G., L'Hypogée Mégalithique de la Ferme Dupont à Guiry-en-Vexin. *A Paraître*.

Brabant H., 1969, Observations sur les dents des populations mégalithiques d'Europe occidentale. *Bull. Group. Inter. Rech. sc.*, 12, 424-460.

Ferembach D., 1974, *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. Muge. Portugal. II. Anthropologie*. Direcção-Geral dos Assuntos Culturais. Lisboa, 146 p., 5 pl.

Fléchiér J.P. et J. Verdène, 1974, Quelques considérations sur la denture des Mésolithiques français. *Bull. et Mém. Soc. d'Anthr. de Paris*, t. 2, (série XIII): 237-269.

Frayer D.W., 1978, *The evolution of the dentition in upper Paleolithic and Mesolithic Europe*. Univer-

Aucune anomalie dentaire remarquable n'a été signalée. La carie est rare, l'usure, forte, est semblable à celle des Mérovingiens du Vexin et à celle des Hommes du Mésolithique.

La paradontose frappait surtout les personnes âgées. Les molaires supérieures et inférieures sont très évoluées par la diminution du nombre des cuspidés.

**RESUME:** Cette étude des dents appartenant à des hommes exhumés d'un ossuaire chalcolithique du Vexin, a montré que les dimensions dentaires n'ont pas variées depuis le Mésolithique, que la carie était rare mais que l'usure était accentuée.

city of Kansas. Publications in Anthropology, 10, 201 p.

Lefevre Y., 1973, Etude odontologique des hommes de Muge. *Bull. et Mem. Soc. d'Anthr. Paris*, 10, (série XIII): 301-333.

Lunt D.A., 1969, An Odontometrical Study of medieval Danes. *Acta odont. Scand., suppl.*, 55:27: 1-173.

Menard J., 1978, Cranologie et odontologie de Mérovingiens adultes du Vexin français. *Bull. Mem. Soc. d'Anthr. Paris*, 5, (série XIII), 67-81.

Roche J., 1957, Première datation du Mésolithique portugais par la méthode du carbone 14. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Nova serie. Vol. XXIX.: 292-296.

Roche J., 1972, *Le gisement Mésolithique de Moita do Sebastião. Muge. Portugal*. 1. Archéologie. Instituto de Alta Cultura. Lisboa, 183 p.

#### UM LIVRO FASCINANTE

Maurice Taieb, SUR LA TERRE DES PREMIERS HOMMES, Paris, Éditions Robert Laffont, 1985, col. «Vécu». Preço: 92 F.

## O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO CUNHO - MOGADOURO

(Resultados preliminares da escavação de 1983) (1)

in "Arqueologia", 12, GEAR, Porto, 1985

por Maria de Jesus Sanches e Domingos dos Santos Marcos

### 0. INTRODUÇÃO

Foi em consequência dum fogo ocorrido em Maio de 1982, que atingiu grandes proporções e queimou todo o arvoredo e restante cobertura vegetal do monte do Cunho, que o povoado pré-histórico que ora apresentamos foi detectado.

Até aqui era impenetrável devido ao intrincado da vegetação rasteira (giestas, urzes, fetos, estevas, carvalheiras, troviscos, rosmaninhos, arsã, etc.), que cobria todo o espaço livre deixado pelos enormes fragedos graníticos e pelos frondosos sobreiros, azinheiras e carvalhos. Assim se apresentava como local isolado e esquecido desde meados deste século e, como tal, uma fauna variada de lobos, javalis, coelhos e aves de várias espécies, aí se desenvolvia livremente sem perturbações advindas do exterior.

Mesmo após o fogo, o monte do Cunho, porque não contém, mesmo nos seus «plateaux» E, terrenos suficientemente espessos nem vastos, condições exigidas pelas necessidades agrícolas actuais (o centeio era aí habitualmente semeado entre penedos, antes e logo após a 2ª. Guerra Mundial, mas exigia um trabalho árduo de cultivo à enxada e abundante mão de obra), continuou abandonado e de imediato recomeçou a regeneração florística que hoje, passados somente três anos, à parte a ausência de frondosos sobreiros, está quase completamente reposta.

A nova penetrabilidade do monte só atrafu esporádicos caçadores, e foi precisamente um deles, o Sr. Manuel Francisco Cordeiro, que, atento e interessado por tudo quanto diga respeito à História em geral, noticiou o local a um dos signatários deste trabalho (D.S.M.) o qual de imediato o visitou e identificou como povoado pré-histórico (2). Já em 1983 foi identificado um outro povoado pré-histórico situado a cerca de 2 km a SW (em linha

recta) do Cunho, o povoado do Barrocal Alto, actualmente em curso de estudo por um dos signatários (M.J.S.) e cujo espólio e estruturas de habitat se articulam com as do Cunho (Fig. 1, nº. 2).

### 1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A estação do Cunho situa-se na freguesia de Pedredo da Bemposta, concelho do Mogadouro e distrito de Bragança (Figs. 1 e 2).

São as seguintes as suas coordenadas:

Latitude — 41° 17' 2" N

Longitude — 2° 35' 45" E (do meridiano de S. Jorge)

Altitude (média) — 570 m

O povoado ocupa um «plateau» sobranceiro à encosta NE (a mais íngreme), e o início dessa mesma encosta do monte do Cunho.

Trata-se de um barrocal granítico de forma sub-rectangular (o eixo maior é o E-W com cerca de 1 km em linha recta), com 616 m de altitude máxima, erosionado, de encostas abruptas em três dos seus lados e cobertas de blocos caóticos de granito erodados, que o tornam quase inacessível. É pelo lado Sul, lado para onde o monte se alonga à cota média de 600 m, que, não contendo grandes fragedos, o percurso até ao povoado é mais facilitado.

Na base o monte é rodeado a N e NE pela ribeira do Cunho, curso de água quase permanente, que no seu vale alcantilado vai atingir o Douro a 1,5 km para SE.

À parte esta ribeira, mais dois cursos de água temporários (secam de Julho a Outubro) e afluen-

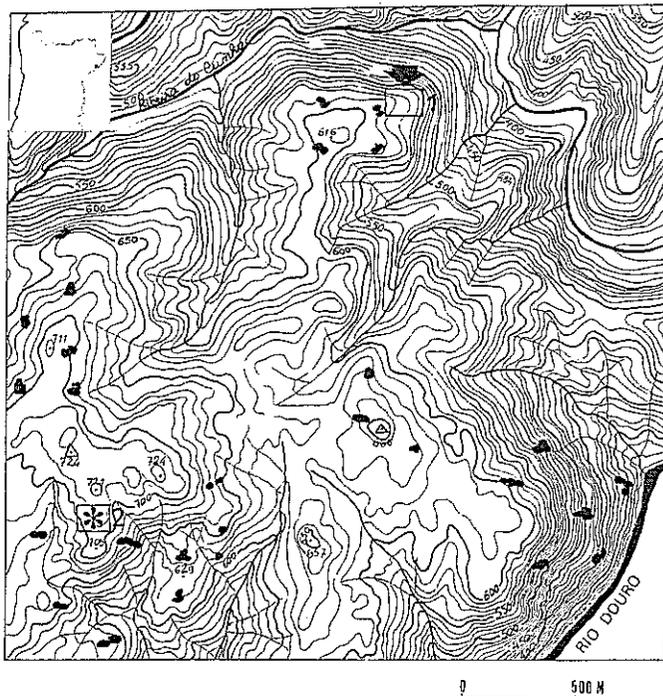


Fig. 1 — Localização do povoado do Cunho (1) e do Barrocal Alto (2).

tes desta, marcam a base das encostas W e E do monte do Cunho.

É aliás já perto do ribeiro E e da ribeira do Cunho, mas ainda na encosta, que a área de predominância de granitos alcalinos de duas micas dá lugar à dos xistos grauváquicos que se estende para N e NW do monte (3).

Pela análise da cartografia (cartas 1:25 000 dos Serv. Cart. do Exérc.) e pelas prospecções que em várias épocas do ano fizemos no monte e naqueles limítrofes, concluímos que se trata de uma área marcada pela secura e pela acessibilidade dificultada a partir dos dois cursos de água que correm ou todo o ano (Douro) ou quase todo o ano (ribeira do Cunho) (Fig. 1).

No entanto, guiados por informações de habitantes da aldeia de Peredo, que na sua juventude tinham ido ao Cunho cultivar centeio, encontramos uma nascente de água situada a meia encosta N, a

qual, conjuntamente com outra que poderia ter existido num «plateau» contíguo e superior àquela onde se situa a estação, bastaria concerta às necessidades dum povoado deste tipo. Não queremos contudo dizer que fossem estas as nascentes das quais se aprovisionaria em água o povoado na Pré-história, mas tão só que, como estas, outras já extintas poderiam ter brotado nas mesmas condições geológicas e topográficas.

Verifica-se pelo que atrás foi dito que o povoado do Cunho se situa na margem direita do Douro, num esporão da encosta abrigada E do monte do Cunho e com condições naturais de defesa. É rodeado (num raio de 2-3 km em linha recta) por montes de média altitude, planálticos, graníticos e xistosos, pouco espessos (a potência de terras varia entre 20-30 cm ou 30-60 nos vales), e drenados por cursos de água temporários que, na maioria dos casos, só definem vales superficiais de altitude.

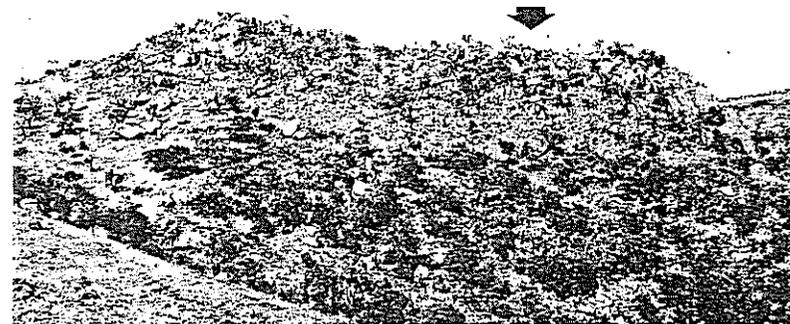


Fig. 2 — A encosta E do monte do Cunho com a indicação da localização do povoado, Fotografia tirada de SE.

## 2. A ESCAVAÇÃO

Com a campanha de escavações de 1983 pretendíamos iniciar a delimitação espacial da área correspondente à ocupação humana pré-histórica na parte NE do monte do Cunho pela detecção de possíveis estruturas de habitat e de estratigrafias correlacionadas com aquelas e com o espólio que tão abundantemente era encontrado à superfície.

Como o material arqueológico de superfície não se apresentava em concentrações especiais, vimos-nos compelidos a abrir quatro sectores de sondagem.

Três deles, os sectores I, III e IV, foram implantados em pequenas plataformas delimitadas por penedos, abrigadas e voltadas a nascente e situadas no início da encosta abrupta E, contígua a um alargado «plateau». (Já em 1984 este foi identificado como área escolhida para implantação de núcleos de habitat).

O sector II corresponde à escavação de uma espécie de abrigo sob rocha granítica, situado já a meia encosta, num local de declive abrupto e de difícil acesso, tanto a partir do sopé como do topo do monte. Este abrigo estava cheio de sedimentos com grande quantidade de material arqueológico à superfície.

Dos quatro sectores abertos, só dois, o sector I e o III, mostraram tratar-se de locais com estrato

arqueológico. O sector II estava repleto de entulho resultante do escorrimento de terras da área do habitat situado a uma cota bem mais elevada, e o sector IV, aberto numa plataforma rodeada de penedos, só continha 10-20 cm de terra humosa que assentava na rocha de base.

## SECTOR I (Fig. 3)

A área de 72 m<sup>2</sup> que aqui foi escavada «cobriu» os vestígios de um núcleo de habitat constituído por um estrato de ocupação único e por estruturas correlacionadas com aquele.

Os quadrados A0, B0, A1, B1, D3, D4, D5, E3, E4 e E5, situados na periferia circundante, a S e N, das estruturas detectadas, só apresentavam uma camada de cerca de 15-20 cm de espessura de terra humosa vegetal mas contendo material arqueológico (camada 01). A esta seguia-se a rocha de base ou um estrato geológico de terra arenosa e argilosa avermelhada estéril (camada 3).

Nos restantes quadrados a estratigrafia é bastante uniforme. À camada 01 segue-se a camada 1 de 14-24 cm e constituída de terra fina de cor castanho avermelhado de barro e por vezes com manchas mais negras provocadas pela mistura com a terra da camada imediatamente superior (c.01) e mesmo inferior (c.2). Lembre-se de novo aqui que o terreno foi agricultado (Fig. 4).

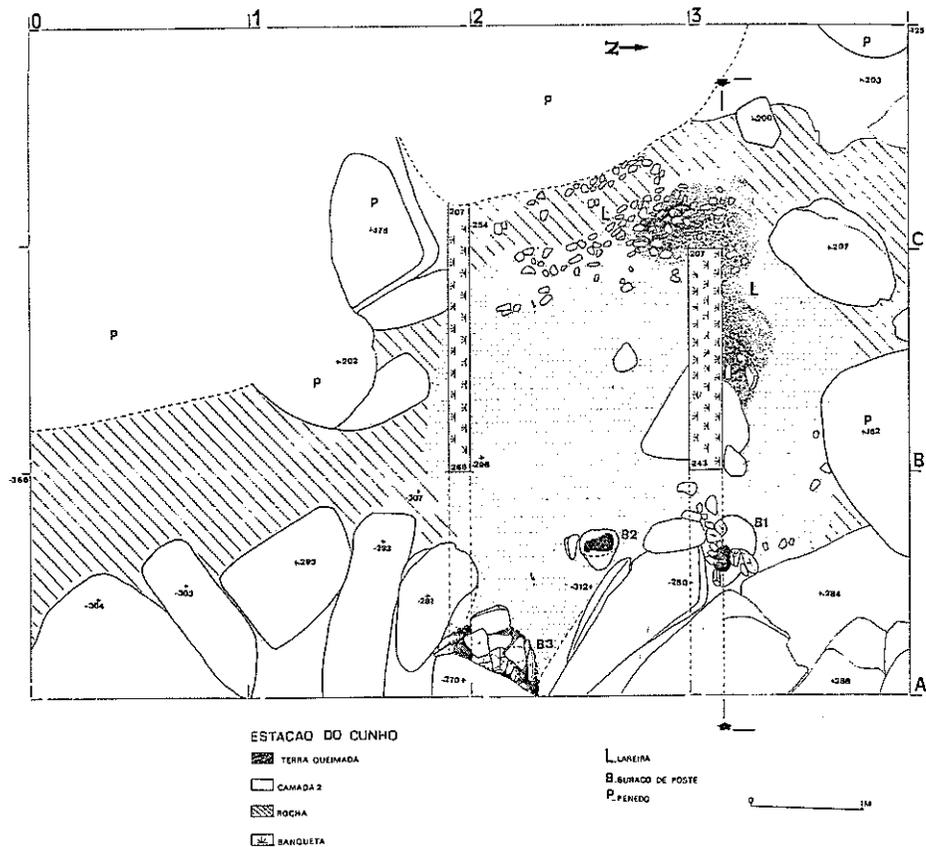


Fig. 3 — Planta do sector I.

Fornece grande quantidade de espólio mas, tal como a anterior, é formada pela acumulação de sedimentos posterior à ocupação do local.

A camada 2 é o estrato único de ocupação deste núcleo de habitat. A sua espessura varia entre 10-20 cm e é formada de terra negra muito fina contendo por vezes manchas mais claras ou avermelhadas.

A camada 2 assenta num solo arenoso e argiloso avermelhado (camada 3) ao qual se segue a rocha de base.

Os contornos exteriores da camada 2 coincidem, a nosso ver, com o próprio contorno do núcleo de habitat ou cabana (Fig. 3). Esta teria forma mais ou menos elíptica, com o seu eixo maior no sentido NW-SE, «encostaria» pelos lados SW e W a altos penedos (que têm cerca de 2,5 m de altura) e a pe-

nedos mais baixos a N (estes com cerca de 1,5 m). A E é ladeada por afloramentos granfíticos que não se elevam grandemente acima do nível do solo. Daí que seja precisamente deste lado que foram colocados três postes.

No lado S existe uma espécie de «corredor» entre penedos que parece «abrir» a cabana neste sentido. Não podemos no entanto estar seguros de que seria por aqui a entrada.

As paredes desta cabana seriam feitas concertiza de ramagens entrelaçadas e recobertas de barro cru, uma vez que, só neste sector, encontramos cerca de 200 kg de barro de revestimento com negativos nítidos de entrecruzamento de ramos.

No interior da área atrás delimitada e no topo NW situavam-se dois núcleos de fogo ou lareiras,

unidas na sua parte mais superficial por terra queimada, mas não particularmente estruturadas.

A lareira 1, de forma sub-elíptica, assentava directamente sobre o solo geológico (c.3) e, formando montículo, continha terra muito queimada, alguns pequeníssimos carvões, pedras calcinadas pelo fogo e uma grande quantidade de espólio.

Para a implantação da lareira 2 foi cavada uma pequena fossa no solo geológico, de encontro a um afloramento baixo que existe no centro da cabana. O seu enchimento era similar ao da anterior (Fig. 4).

Os três buracos de poste são diferentes entre si.

O buraco 1 é de forma oval na parte superior mas o fundo, sub-circular, é muito mais estreito que a boca; isto é, o buraco afunila do topo para a base. Tem 42 cm de profundidade.

Na sua parte mais estreita é ainda bordeado por pequenas pedras metidas em cunha que teriam como função escorar o poste. O seu enchimento era de terra negra, a mesma da camada 2.

O buraco 2, de 30 cm de profundidade, não foi definido com evidência na sua forma pois os contornos eram pouco claros. Cavado no solo de base, parece ser de forma oval e ter o fundo plano. Era preenchido, como o anterior, por terra do estrato arqueológico.

Buraco 3 — foi porque pensamos que seria essa a sua função que o denominámos «buraco de poste». Trata-se antes de mais de uma fossa, de 40 cm de profundidade, cavada no estrato geológico, com a abertura em forma de meia lua e de paredes e fundo irregulares (Fig. 3).

O seu enchimento era feito com terra negra e com uma grande quantidade de pedras de tamanho médio (muitas delas são mós partidas e percutores) que definiam entre si dois espaços ocios, regulares no seu perfil e encostados ao afloramento. Deduzimos que a sua função seria muito provavelmente a de segurar dois postes cujas bases ficariam entaladas entre as pedras e escoradas de encontro ao penedo que define o contorno E da fossa. Isto não impede que a fossa tenha tido como função inicial a de armazenar alimentos ou outros produtos.

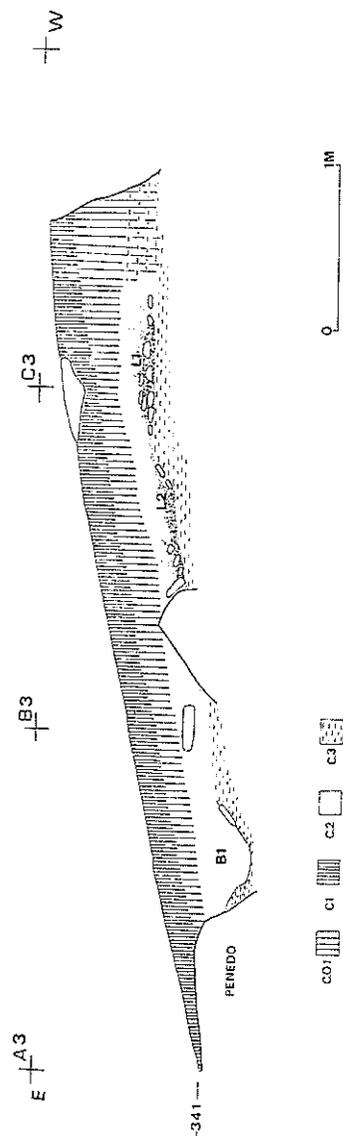


Fig. 4 — Corte estratigráfico E-W do sector I. O mesmo está indicado na planta. A estratigrafia é descrita em texto. L1 e L2 — lareiras; B1 — Buraco de poste.

### SECTOR III

Este sector, circunscrito também a uma pequena plataforma entre penedos, é sobranceiro ao sec-

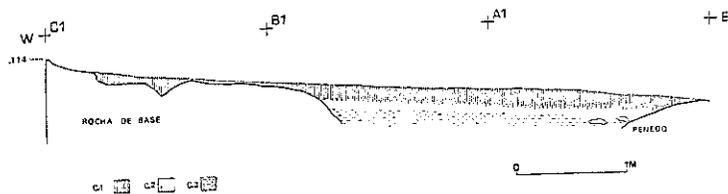


Fig. 5 - Corte estratigráfico E-W do sector III. A estratigrafia é descrita em texto.

tor I, pois fica cerca de 3,5 m acima deste, estando-lhe somente desviado um pouco para NW. Aliás o alinhamento dos penedos da periferia E do sector III é o mesmo daquele situado a W do sector I (4).

Apesar de aqui terem sido escavados 32 m<sup>2</sup>, só numa exígua área de 10 m<sup>2</sup> que corresponde aos quadrados E, cujas terras não sofreram tanto arraste e erosão pois eram retidas por penedos de cerca de 50 cm de altura, se conservou parcialmente o único estrato arqueológico e, correlacionados com este, dois buracos de poste.

A estratigrafia aqui também é uniforme. Em toda a área escavada encontra-se uma camada de terra humosa superficial, castanha escura, por vezes acinzentada, que varia de 6 a 14 cm de espessura - camada 1. Assenta em quase todo o sector na rocha de base granítica e, nos quadrados A1, B1, A2 e A3, na camada 2.

A camada 2, ao contrário da do sector I, não é uniforme, pois a fraca potência de terras, aliada à erosão e aos trabalhos agrícolas, levaram à mistura com terras da camada 1. Só imediatamente junto dos penedos E ela é uniforme.

É constituída por terra castanho escura ou negra, fina, e a sua espessura varia entre 8 e 14 cm. Assenta na camada geológica arenosa e argilosa - camada 3 (Fig. 5).

Pelo material exumado deste sector (onde é de referir a grande quantidade de cerâmica partida *in situ* sobre a rocha de base ou sobre o solo geológico - num dos casos trata-se mesmo de um grande vaso globular e com colo (5) - o número de mós manuais, etc.) e ainda pela ocorrência de dois buracos de poste situados junto aos penedos E, portanto no único local onde as estruturas se podiam ter conservado, julgamos que o mesmo coincide com um outro núcleo de habitat, mas, claro, extre-

mamente destruído, e cuja planta original não pode ser reconstituída.

Ainda neste sector, tanto da camada 1 como 2, foi recolhida grande quantidade de barro de revestimento.

Dos buracos de poste conservados, um abre-se no solo geológico a 12 cm de um penedo. Tem planta sub-circular e tem 45 cm de profundidade. Até cerca de 30 cm conserva o perfil aprox. vertical, tornando-se a partir daí muito mais estreito. O seu enchimento era constituído por terra do estrato arqueológico.

O outro, também sub-circular e aberto no solo geológico, junto de um penedo (do qual dista 20 cm), tem 30 cm de profundidade mas, acima do estrato geológico, as paredes são prolongadas por pedras de tamanho médio. Algumas destas são fragmentos de mó manual.

### 3. O ESPÓLIO

Uma vez que os recipientes cerâmicos, em termos de tipologia de formas, pastas e decoração, são similares nos sectores I, II (entulho) e III (o sector IV não continha espólio), serão aqui apresentados em conjunto.

Em todas as camadas dos três sectores predominam vasos cerâmicos de pasta grosseira (devido ao tipo de desengordurante, que é constituído essencialmente por grãos de quartzo de médio e pequeno calibre), micácea, de textura homogénea, compacta e de muito boa cozedura. As superfícies são alisadas e a cor é predominantemente castanho clara, por vezes com manchas escuras, talvez provocadas pelo tipo de cozedura.

Aparecem ainda, mas em fraca percentagem, vasos da mesma cor dos anteriores ou, então, verme-

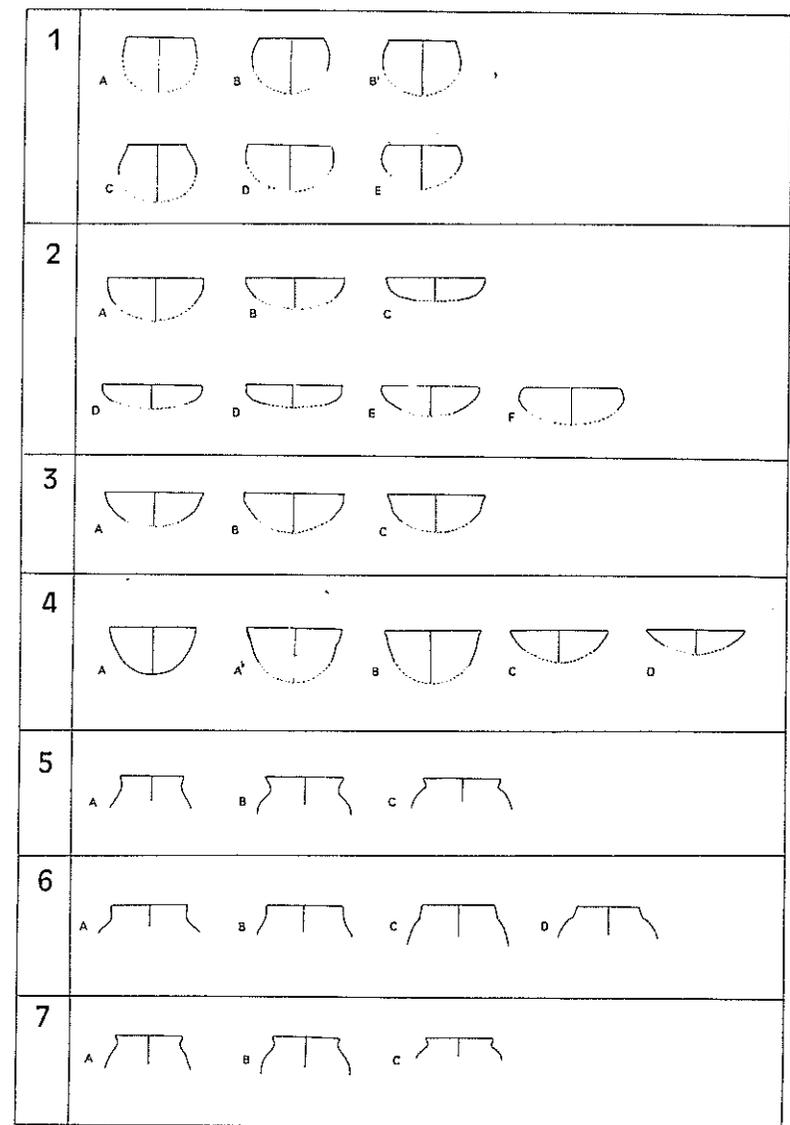


Fig. 6 - Quadro tipo das formas cerâmicas exumadas nos sectores I, II e III. Este quadro não atende às dimensões dos vasos.

lhos de barro, com as paredes finas ou muito finas, e cuja pasta contém desengordurante fino também. As superfícies são bem alisadas ou polidas.

Por vezes, mas em raríssimos casos, esta cerâmica apresenta-se totalmente de cor negra (núcleo e parte exterior).

No sector I, camada 2, apareceram três fragmentos pertencentes a três vasos diferentes, de cor avermelhada (núcleo e parte exterior) de paredes grossas (1 cm) e de pasta grosseira, mas de muito boa cozedura e compacta. Os três apresentam-se decorados. Não têm qualquer semelhança com o restante

espólio cerâmico do povoado.

Dos vasos que foi possível reconstituir em desenho foi elaborado, para os três sectores, um quadro esquemático de tipos que, inclui sete grupos de formas (ver quadro, fig. 6).

Verifica-se primeiramente a ausência de formas carenadas ou outras quaisquer de fundo plano. Mesmo aquelas das quais desconhecemos o fundo (e são a sua quase totalidade) não o teriam plano, pois na escavação não apareceu nenhum, mas antes grandes fragmentos de calotes esféricas, de paredes grossas (por vezes com 1,2 ou 1,5 cm) que julgamos pertencerem a fundos convexos e regulares.

No sector I, tanto nas camadas 01 e 1 como na 2, predominam as formas globulares, aquelas em calote esférica e as sub-elípticas dos grupos 1 e 2, que representam 50,7% da amostragem (67 formas) no primeiro caso e 56,1% (num total de 89) no segundo caso.

Adentro destes dois grupos dominam, por ordem decrescente, as formas 2a, 2c (à qual pertencem vasos muito pequenos), (Fig. 7, nº. 3), 1c, 1b e 1a.

Tanto num estrato como no outro, em termos de frequência, segue-se o grupo 4 (com 13,4% na camada 01 e 1 e 10,1% na camada 2), onde domina a forma 4a.

Na camada 2 (estrato de ocupação) os grupos menos representados são o 6 e o 7, e não se encontram aqui as formas 2d, 2f, 4a' (da qual só foi registado um recipiente no sector III), 4d, 5c, 6b e 6d embora estas, à excepção da 6b, estejam presentes nas camadas 01 e 1.

No sector II é também para os grupos 1 e 2 que vai a maior frequência de formas — 53% num total de 97 formas. Seguem-se-lhe as formas do grupo 4 com 13,4% e do grupo 5 com 12,3%.

O espólio cerâmico (e restantes materiais) deste sector, apesar de resultar dum escorrimento de terras e conseqüente acumulação caótica das mesmas, foi analisado com vista a testar a ocorrência ou não, aqui, das formas presentes nos níveis de habitat dos sectores I e III e eventualmente de formas novas que nos indicassem da existência de grupos culturais diferentes daqueles.

Observamos que não há qualquer forma exclusiva deste sector, o que pode ser um indicador da uniformidade e/ou contemporaneidade cultural

da ocupação humana nesta área mais íngreme do monte do Cunho.

No sector III as formas dos grupos 1 e 2 representam 77% do total (27 formas) com particularidade para as formas 1b e 2c (que também registam as maiores frequências no sector I).

A forma 4a', variante de 4a, ocorre neste sector mas com apenas um exemplar.

Estão aqui ausentes os grupos 3 e 7.

Concluimos assim da clara predominância nos três sectores dos grupos 1 e 2 e, embora em menor grau, das formas do grupo 4.

Os vasos de corpo globular e com colo mais ou menos marcado dos grupos 5, 6 e 7, nos estratos de ocupação, só representam 21% no sector I e 18,5% no sector III.

Estes recipientes e essencialmente aqueles das formas 5a (que é a mais frequente de entre eles), 5b, 6a e 6b, são por vezes de grandes dimensões. Aqueles em que o diâmetro da abertura varia entre 20 e 40 cm pensamos serem vasos de provisões.

Ainda às formas 5a e 6a pertencem pequenos vasos cujo diâmetro não ultrapassa os 6 cm.

Quanto à decoração, regista-se primeiramente que não chega a ocorrer em 20% dos casos. Pode-se dizer portanto que quase toda a cerâmica é lisa.

Nas formas decoradas está completamente ausente a decoração plástica e a *penteadada*.

Predomina aqui a decoração executada com um punção de ponta simples (circular, rectangular, triangular, losângica, em meia lua ou em S) ou dupla (circular, rectangular ou quadrangular).

O puncionamento é geralmente profundo, quer o simples quer o arrastado; mas quando se trata de uma ponta circular ou em v, o puncionamento nunca é arrastado e no caso de a ponta ser quadrangular larga (de ponta simples ou dupla) o puncionamento, quando arrastado, nunca é profundo.

A incisão pode ser feita com um punção de ponta em v fina ou de largura média ou rectangular. Esta risca no vaso um sulco tão leve que se assemelha mais a um espatulado.

No estrato 2, do sector I, foi exumado um vaso com duas filas de impressões, paralelas ao bordo e efectuadas por meio de um punção oco (ou cana).

No sector II apareceu um vaso decorado com duas filas de impressões feitas com um pente ou matriz de 5 pontas quadrangulares (similar à técnica

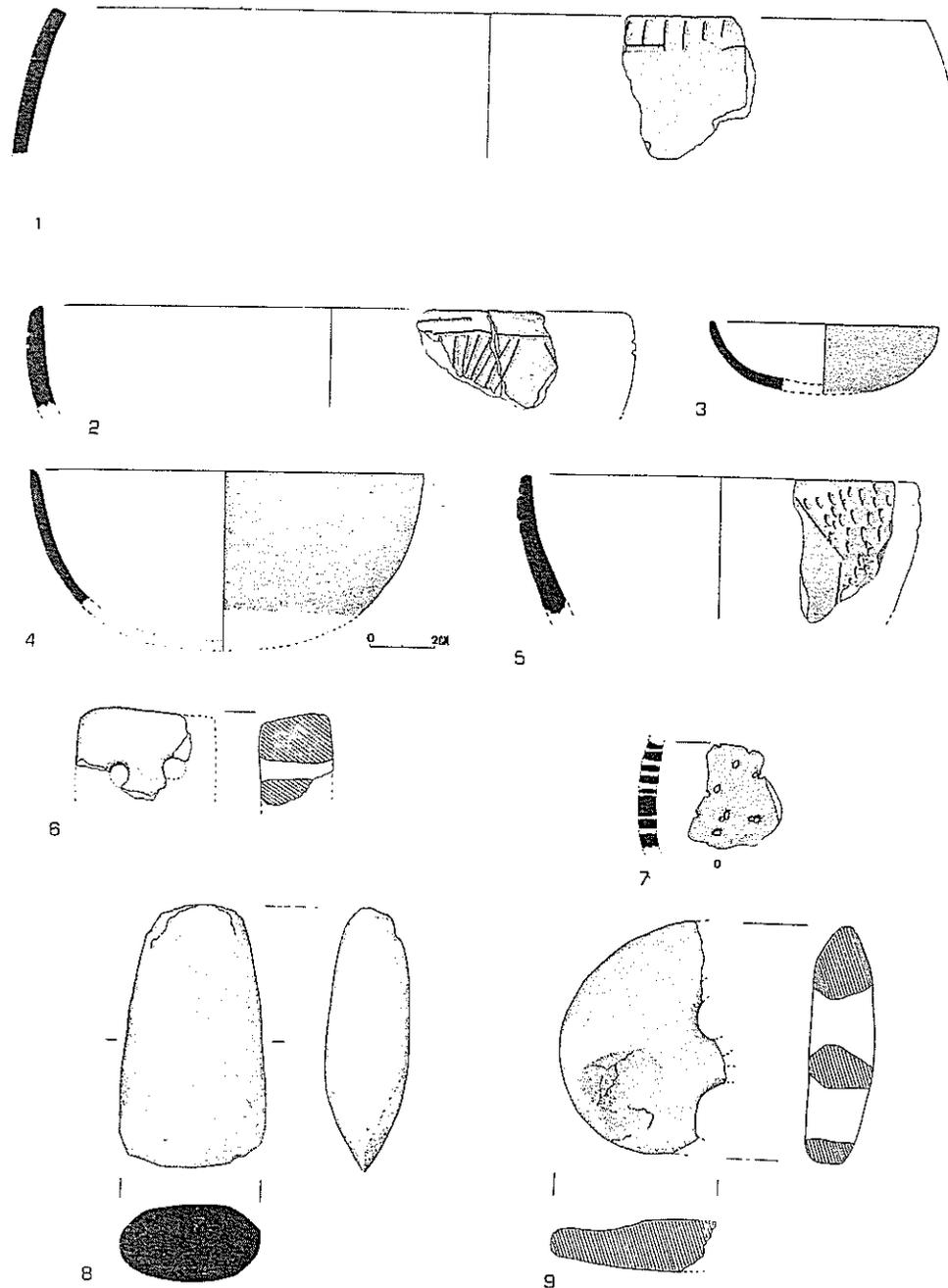


Fig. 7 — Materiais arqueológicos do sector I.

ca. do campaniforme marítimo-internacional) e um outro decorado com «unhadas» dispostas em filas perpendiculares ao bordo.

O estado fragmentado dos vasos não permite ver com precisão a totalidade da organização decorativa.

Podemos no entanto afirmar que as linhas incisas podem ocorrer sós ou combinadas com punccionamentos simples ou arrastados. Quando combinadas entre si organizam-se em filas horizontais de triângulos de vértice virado para baixo (Fig. 7, nº. 2), em séries de linhas paralelas entre si mas oblíquas em relação ao bordo, ou ainda em linhas curtas perpendiculares ao bordo e tocando este por vezes (Fig. 7, nº. 1).

É bastante corrente a divisão do corpo do vaso em faixas aproximadamente verticais, de corpo triangular, quadrangular ou losângico decoradas e alternando com outras lisas (trata-se, no fundo, de métopas).

Nestas os espaços decorados podem ser ou não delimitados por linhas incisas e são preenchidos por incisões horizontais, mas mais frequentemente por punccionamentos simples ou arrastados alinhados paralelamente ao bordo (Fig. 7, nº. 5).

Ainda em alinhamentos paralelos ao bordo dispõem-se duas ou múltiplas séries de punccionamentos simples ou arrastados.

A decoração ocorre em quase todas as formas (à excepção dos vasos globulares com colo onde só foi registada num caso) mas incide particularmente nas formas 1a, 1b e 1c e nas taças em meia calote esférica, abertas e pouco profundas da forma 2c.

Do estrato de ocupação do sector I são ainda de registar dois fragmentos de vasos com várias perfurações nas suas paredes finas. Não foi possível reconstituir a sua forma. Trata-se das vulgarmente chamadas *queijeiras* ou *coadores* (Fig. 7, nº. 7).

São ainda desta camada dois fragmentos de objectos cerâmicos de forma sub-rectangular e com duas perfurações alinhadas horizontalmente na extremidade. A estes é atribuída normalmente a função de *pesos de tear* (Fig. 7, nº. 6).

O material lítico nos sectores I e II é essencialmente constituído por partes móveis de mós manuais de granito (de forma oblonga ou sub-rectangular) e partes dormentes. Um fragmento duma

destas mostra que a mó teria um rebordo regular a toda a volta, sendo a parte funcional rebaixada em 2 cm em relação ao contorno.

São ainda frequentes os seixos rolados finos e oblongos (*alisadores?*) e os percutores de quartzo com marcas claras de utilização.

Da camada remexida do sector I provém um pequeno machado de granito de grão fino, de secção elíptica, picado e alisado em toda a sua superfície mas só polido no gume (Fig. 7, nº. 8), e uma raspadeira sob lasca de quartzo leitoso, bastante larga e espessa e de retoque unifacial oblíquo na extremidade distal (Fig. 8, nº. 1).

O material lítico talhado tem pouca representatividade nos dois sectores (I e III) pois no sector I e na camada de ocupação só apareceu mais uma lasca de quartzo hialino, de bordos paralelos, retoque abrupto e partida na extremidade proximal (Fig. 8, nº. 2), três lascas residuais de quartzo e ainda, nas terras queimadas da lareira 1, uma ponta de seta de xisto, partida na extremidade distal, nas

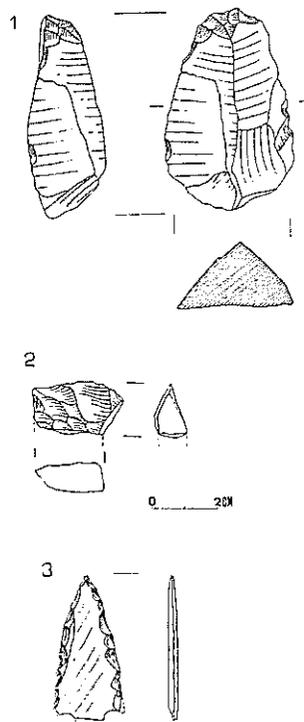


Fig. 8 — Material lítico do sector I.

aletas curtas e no pedúnculo. É de forma triangular e retoque rasante em ambas as faces (Fig. 8, nº. 3).

Do sector III temos só uma raspadeira de quartzo atípica.

Surgiu ainda no sector I um peso de rede feito duma rocha xistosa, mas partido (Fig. 7, nº. 9).

Os objectos metálicos ainda são mais raros que os instrumentos líticos talhados: no sector II, à superfície, apareceu uma «bola» metálica que, analisada pelo Doutor Peixoto Cabral, mostrou ser de latão com vestígios de chumbo. Dadas as condições de achado pode não se relacionar com o povoado pré-histórico.

Pelo contrário, o furador ou punção que foi exumado do quadrado B2 (c. 2) do sector I, articula-se perfeitamente com o restante espólio e estruturas deste sector. Estava bastante danificado



Fig. 9 — Punção de cobre do sector I.

na sua superfície, mas ainda se pode ver que é pontiagudo nas suas duas extremidades e tem secção rectangular. Também foi analisado pelo investigador acima mencionado (6). É feito predominantemente de cobre, mas apresenta vestígios de prata e antimónio (Fig. 9).

As recolhas de ossos feitas no estrato de ocupação estão em curso de análise pela Dra. Teresa Cunha Lopes, da Univ. do Minho, mas os carvões recolhidos nas lareiras 1 e 2 (S.I) mostraram-se insuficientes para análise pelo radiocarbono (7).

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É prematuro tirar conclusões definitivas quanto ao tipo de cultura ou culturas presentes neste povoado; dado que só foi escavada uma parte lateral e ínfima do mesmo (e já sabemos que ele se alarga a todo o esporão inferior E do monte), a nossa análise terá de ser obrigatoriamente parcelar.

Uma vez que por ora não dispomos de uma cronologia absoluta, tentaremos só, e com as devidas reservas, apontar algumas comparações tipológicas com materiais arqueológicos essencialmente de estações de ar livre (ou mais propriamente povoados) do SW da Meseta N espanhola e do N de Portugal, situáveis na Pré-história recente. E isto porque estamos convencidos de que é possível em Trás-os-Montes oriental, a partir da investigação sistemática das estações que já são conhecidas por prospecções de superfície (ou por escavações antigas, estas raras), obter estratigrafias e materiais arqueológicos definidores dos grupos culturais que ocuparam a região.

Este é aliás o nosso objectivo primordial e, só quando conseguido, poderemos claramente articular a estação do Cunho com outras suas congéneres dentro e fora desta região geográfica.

Primeiramente e quanto às características topográficas é de realçar a localização deste povoado num monte com condições naturais de defesa, portanto de difícil acesso (mas com ausência de muralhas) e dominando dois vales encaixados: o dum afluente do Douro e o deste mesmo rio.

Ora a escolha deste tipo de topografia para implantação de habitats é um elemento dominante de alguns povoados calcolíticos (ou do Bronze inicial) da média bacia do Douro, os quais, ocupando «cerros» aplanados no seu topo ou plataformas das encostas desses mesmos «cerros» graníticos, podem dominar vales apertados ou mais alargados, mas sempre com uma preocupação nítida de domínio da paisagem circundante. Tal é o caso, em Espanha, de El Coto (Zamora) (8), La Peña del Aguila-Munogalindo, La Peña del Bardal (Ávila) (9), La Marisela (Salamanca) (10), El Teso del Moral — Cuelgamures, Las Pozas, Fontanillas de Castro (Zamora) (11), ou, no Norte de Portugal, dos povoados de S. Lourenço e Pastoria (Chaves) (12), ou do

Barrocal Alto, que, como já dissemos anteriormente, se situa a 2 km do Cunho.

Uma outra das características da estação do Cunho é a existência af de um habitat formado de pequenos núcleos (unidades de habitat) ou nuclearizado. Cada unidade ou *cabana* ocupa uma pequena área livre entre penedos e estes ou desempenham a função da própria *parede* ou então servem de escombramento às estruturas de troncos e ramagens cobertos de barro cru que constituem as paredes.

Para este tipo de organização do habitat encontramos paralelos bem claros em estações da bacia do Douro como é o caso dos povoados calcolíticos (13) de La Marisvela e de El Coto, e ainda do de El Castillo (Ávila). Neste último a ocupação «cobre» em termos cronológicos, e segundo Naranjo González (14), a dos povoados atrás referidos, mas terá ainda com o mesmo tipo de habitat continuidade até ao final do Bronze médio (ocupação atestada essencialmente pela presença de recipientes cerâmicos carenados, aparte a existência de pontas de tipo Palmela mas de fabrico regional, ambos os elementos até à data ausentes no Cunho).

Pensamos que esta característica que se prefigura como vimos em varias estações do Calcolítico, Bronze inicial (sentido cronológico) e Bronze médio da média bacia do Douro pode corresponder, tanto à imposição posta ao habitat pela topografia do terreno e pela exiguidade de terreno livre entre penedos, como a uma característica cultural.

Para destrinçar o peso de um (topografia e exiguas áreas livres) e de outro factor (cultural), seria necessário realizar amplas escavações num número suficientemente alargado de povoados atribuíveis genericamente a esta época e nesta região geográfica precisa, que resultassem na articulação de elementos primordiais referíveis ao habitat — topografia, extensão, organização interna, «áreas de exploração» de cada um dos povoados e características específicas de cada um e do todo dos núcleos de habitat.

O espólio cerâmico do Cunho permite aproximações tipológico/culturais ainda e de novo com povoados da bacia do Douro ou mesmo com estações mais distantes — aquelas calcolíticas (essencialmente povoados) da Estremadura portuguesa. No entanto, e como já referimos, dada a ausência de um estudo específico das estações pré-históricas

desta região leste transmontana, ainda não podemos avaliar ou definir (e não somente no que respeita ao espólio cerâmico) aquilo que representa as *permanências culturais* das populações indígenas do que foi importado do exterior ou desenvolvido sob influência externa.

Por precaução restringimos assim o leque de comparações àqueles povoados cujo conjunto de atributos *intersecta* em larga medida os do Cunho.

No conjunto do espólio cerâmico nota-se primeiramente o baixo índice de cerâmica decorada, facto também registado por L. Plaza (15) nos povoados por ela denominados calcolíticos pré-campaniformes ou não campaniformes do SW da Meseta, e ainda a presença nestes das decorações registadas no Cunho em particular em dois da provincia de Zamora: Fontanillas del Castro e Teso del Moral.

Aqui, como no Cunho, prevalece a decoração puncionada (puncionamentos simples ou arrastados feitos com vários tipos de punção) e cujos puncionamentos são organizados em bandas paralelas ao bordo, inscritas em triângulos ou rectângulos delimitados ou não por linhas incisas, e ainda, mas em menor grau, a decoração à base de incisões combinadas entre si.

Mas está ausente do Cunho a decoração plástica e a penteada, registada tanto em Teso del Moral (plástica e penteada) como em Peña del Aguilla de Muñogalindo (plástica) ou ainda em Las Pozas (penteada) (16). Estão ainda ausentes as decorações feitas por incisão e organizadas «em xadrez» assim como as caneladas, ambas presentes em alguns destes povoados conjuntamente com as referidas acima, como em Teso del Moral e Fontanillas del Castro e características dos povoados calcolíticos da Estremadura portuguesa (por ex. Penedo, V. N. de S. Pedro).

Se atendermos à especificidade da decoração das cerâmicas do Cunho somos levados a pensar que talvez esta comunidade só tenha mantido relações esporádicas com estes povoados conhecedores do metal, dos quais parece imitar unicamente alguns padrões decorativos.

Quanto às formas cerâmicas, por um lado a ausência de carenas e de fundos planos parece dar a este conjunto uma cronologia anterior ao Bronze médio (17) e por outro a dominante — vasos de corpo globular, taças em calote esférica ou sub-elíp-

ticas de fundo quase plano — pode inserir o Cunho no conjunto das estações Calcolíticas não campaniformes do SW da Meseta (Peña del Aguilla, El Coto, Teso del Moral) ou mesmo do N de Portugal — Vinha da Soutilha (Chaves) (18).

No Cunho surgem ainda vasos de colo por vezes bem estrangulado, médio ou curto e de bordo aberto, recto ou fechado (por vezes de grandes dimensões) que se assemelham estreitamente àqueles que são dominantes em Teso del Moral e dos quais Lopez Plaza seguiu o percurso na estratigrafia de Peña del Aguilla. A mesma investigadora afirma que neste povoado os vasos de colo acompanham as formas citadas anteriormente no nível mais antigo (nível III), mas desenvolvem-se essencialmente no nível II (contemporâneo de Teso del Moral) e I (19). Ainda segundo a mesma, o final do nível I, com a presença de um punção de cobre arsenicado de secção losângica, coincidiria com o *terminus* do povoado já no Bronze pleno (20).

No entanto no Cunho, e no estrato de ocupação, a presença de um punção de cobre não arsenicado, de secção rectangular e pontiagudo nas duas extremidades, não parece constituir um índice cronológico totalmente seguro, pois estes objectos, embora representados nas primeiras sociedades metalúrgicas, predominam até à Id. do Bronze acompanhando por exemplo as pontas de tipo Palmela ou, e é o caso de Villar del Campo (Madrid), punhais

de lingueta e cerâmica de tipo Ciempozuelos (21).

Se atendermos à sua forma e composição (cobre não arsenicado) somos inclinados a colocá-lo logo no início da metalurgia do cobre pois um similar é identificado em Las Pozas, povoado cujas datações absolutas se situam entre 2475 — 2125 a.C. (22).

Os chamados «pesos de tear», neste caso rectangulares e com duas perfurações numa das extremidades (não sabemos como seria a outra), associam-se ao Calcolítico da Estremadura Portuguesa (V. N. de S. Pedro ou Penedo, onde são frequentemente decorados (23)) mas também aos povoados da bacia do Douro, como é o caso de La Marisvela (24).

Referimo-nos assim à possível ambiência cronológico/cultural do povoado do Cunho e à sua evidente relação com os povoados calcolíticos da bacia do Douro em Espanha.

Mas, dada a ausência no Cunho de *elementos-tipo* que geralmente apontam ou definem as primeiras sociedades metalúrgicas peninsulares do litoral e do interior (e pese embora a presença de certos deles — punção de cobre e «pesos de tear»), pensamos que este povoado corresponde a uma comunidade conhecedora do metal, é certo, mas onde os restantes elementos culturais têm um cariz essencialmente regional.

#### BIBLIOGRAFIA E NOTAS

- (1) Os resultados da 2ª. campanha de escavações que revelou mais dois núcleos de habitat serão, em princípio, publicados num dos próximos volumes desta revista.  
A escavação foi financiada pela Câmara Municipal do Mogadouro no montante de 50 000\$00 e em igual montante pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, Del. de Bragança. Às duas entidades expressamos aqui os nossos agradecimentos.  
Este trabalho insere-se num projecto de investigação de um dos signatários, M.J.S., denominado «A ocupação humana no Planalto Mirandês durante a Pré-história recente».
- (2) O Dr. Domingos Marcos procedia na altura ao levantamento arqueológico do concelho do Mogadouro.
- (3) RIBEIRO, António, *Contribution à l'Étude Tectonique de Trás-os-Montes Oriental*, Mem.

- dos Ser. Geol. de Portugal, 24, nova série, 1974.
- (4) Os técnicos da Câmara Municipal do Mogadouro estão a proceder ao levantamento topográfico da área ocupada pelo habitat.
- (5) Este vaso encontra-se na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho para restauro.
- (6) Agradecemos aqui encarecidamente ao Doutor Peixoto Cabral a análise dos metais referidos, que fez graciosamente.
- (7) Na campanha de 1984 foram recolhidos carvões num núcleo de habitat articulável com os que aqui apresentamos. Os mesmos foram enviados para o Laboratório de Datação pelo C14 da Univ. de Granada. Aguardamos os resultados.
- (8) RODRIGUEZ RAMOS, J.A. e J.M. VAL RECIO, *El yacimiento calcolítico de «El Coto» em Castrillo de la Guareña (Zamora)*, «Rev. de Guimarães», XC, 1980.
- (9) LOPEZ PLAZA, S., *Comienzos del Eneolítico Protourbano en el SO de la Meseta Norte*, Tesis Doct. apresentada à Fac. de Filosofia y Letras da Univ. de Salamanca, 1978.